

EDITORIAL



Caras leitoras e caros leitores,

Há edições de uma revista que são como um espelho d'água: devolvem a quem lê o rosto de um tempo, as margens de uma história coletiva. Este é o caso do presente número da Revista do Bem Viver Compartilhando Saberes. Fazemos aqui um convite para atravessar, com olhos abertos e coração atento, as memórias de Rondônia e da Amazônia.

Cada texto é uma travessia neste chão milenar e, de algum modo, conecta vidas que se inscrevem nos rios, nos nomes das árvores, nos gestos teimosos de quem construiu este estado. Histórias de pessoas que, muitas vezes, permaneceram silenciadas ou esquecidas, mas que agora reaparecem como sementes lançadas sobre a terra fértil da memória. As narrativas reunidas neste número não apenas recordam: elas convocam. Convocam a pensar nas marcas profundas da colonialidade do poder, que ainda atravessa corpos e territórios, insistindo em determinar quem pode sonhar, quem pode contar sua história.

A sociedade de risco, com seu horizonte de incertezas e ameaças, se insinua nos detalhes do cotidiano, mostrando que a vida na Amazônia é feita de desafios, mas também de uma resistência que se reinventa a cada dia. A desigualdade racial, mais do que estatística, emerge aqui como experiência vivida, dor e esperança entrelaçadas na aprendizagem de crianças negras, exigindo do(a) leitor(a) um olhar que não se contente com a superfície.

Na seção de Literatura, a palavra ganha outra textura. O conto escrito por uma mulher indígena do povo Sakurabiat não é apenas literatura: é gesto de existência, afirmação de um mundo que resiste ao apagamento. Suas palavras nos fazem lembrar que a Amazônia pulsa em inúmeras línguas, que a ancestralidade é uma presença viva, e que contar é também um modo de manter-se de pé diante das tempestades do tempo.

Esta edição, como sempre, não oferece respostas prontas para os grandes desafios de nosso tempo. Mas inscreve no coração e mente o risco do incômodo, a dúvida fértil, a pergunta aberta para possíveis caminhos.

Ao compartilhar saberes, nos propomos a escutar o que ainda não foi dito, a enxergar o que costuma ficar à margem. Porque viver bem, talvez, seja justamente isso: reconhecer que o outro nos atravessa, que a memória nos molda, que a transformação é sempre possível – e necessária.

Que este número seja, então, mais do que leitura: seja encontro, semente e reinvenção.

Leandro Aparecido Fonseca Missiatto

Editor-chefe